

A questão traumática na pedofilia: uma investigação na obra Lolita

The traumatic pedophilia issue: an investigation of the literary work Lolita

Jéssica Leite Barbosa^a, Márcia Guimarães Rivas^b

a: Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, Brasil

b: Psicóloga, Mestra e Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, Brasil

RESUMO

O presente trabalho possui o objetivo de analisar a não elaboração traumática e sofrimentos ocultos em um pedófilo. À luz da psicanálise de orientação freudiana e lacaniana, a pedofilia constitui-se na estrutura psíquica perversa. Para versarmos sobre a perversão, utilizaremos a obra Lolita, de Vladimir Nabokov, que conta a história do personagem Humbert, um homem de meia idade que, segundo ele, viveu um romance com Lolita, uma garota de 12 anos de idade. No momento atual, a pedofilia é vista como um problema social e de saúde pública, entretanto, nem sempre foi assim, era visto como um fenômeno naturalizado na antiguidade. Com isso, contextualizamos a história da infância, construções sociais sobre a pedofilia e a criminalização de fantasias sexuais para que possamos investigar por meio da narrativa de Humbert, sua história pregressa marcada por um trauma não elaborado e os sofrimentos ocultos relacionados ao seu desejo pedofílico.

Palavras-chave: pedofilia, perversão, sexualidade, Lolita

ABSTRACT

This research aims to investigate the non-elaboration traumatic and hidden sufferings in a pedophile. Based on Freud-Lacan psychoanalysis, the pedophilia is a perverse psychic structure. To investigate perversion, the literary work Lolita, by Vladimir Nobokov, was used, which tells the story of Humbert, a middle-aged man who, according to himself, had lived a romance with Lolita, a twelve-year-old girl. Nowadays pedophilia is seen as a social and public health issue, however it was a natural phenomenon in antiquity. Based on this it is possible to contextualize the history of childhood and social constructions about pedophilia and the criminalization of sexual fantasies and then understand through Humbert's perspective, his previous story marked by an unelaborated trauma and the hidden sufferings related to his pedophilic desire.

Keywords: pedophilia, perversion, sexuality, Lolita

INTRODUÇÃO

De acordo com o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders a pedofilia é definida como um transtorno psiquiátrico no qual um adulto possui fantasias sexuais com crianças, de treze anos ou menos, podendo ou não se tornar um comportamento sexual, sendo uma prática exclusiva para obtenção de prazer¹.

A pedofilia é definida como o amor de um adulto por crianças, visando determinado tipo de criança, que será definida a partir da subjetividade do pedófilo. O pedófilo é aquele que se interessa por uma prática sexual em que a demanda infantil se faz presente no ato².

Para a psicanálise, o pedófilo é constituído a partir da estruturação clínica perversa. O perverso coloca a criança como objeto de seu desejo, ou seja, a criança é o fetiche do perverso que ao transformar esse desejo em ato pode acarretar danos psicológicos e físicos à vítima³.

O presente artigo aborda a problemática da pedofilia. Sabemos que este tema para alguns é motivo de polêmica, recusa e asco. No entanto, faz-se necessário compreender os motivos que levaram a temática ser vista de tal forma, além de julgarmos o tema necessário considerando a possibilidade de compreensão do ser que possui o desejo pedofílico e quais foram às causas que o levaram a isso. Trabalharemos ilustrando o fenômeno junto ao romance de Vladimir Nabokov, *Lolita*.

A escolha de retratar a pedofilia através de uma obra literária é apresentar a temática com certa leveza, por se tratar de uma ficção e aproximar o leitor frente ao tema. O romance é narrado em primeira pessoa pelo personagem Humbert, um homem de meia idade que ao perder seu primeiro amor na infância, busca se relacionar sexualmente com meninas púberes. Nabokov, ao narrar a história com a perspectiva de Humbert, lança o leitor a refletir sobre a condição sexual do personagem que é retratado como vítima de meninas “ninfetas” que de acordo com a descrição do personagem são meninas entre nove à quatorze anos de idade que possuem um poder atraente, diferente das demais⁴.

A partir das reflexões lançadas por Nabokov, o presente artigo tem o objetivo de investigar a questão da não elaboração traumática e os sofrimentos ocultos em sujeitos pedófilos, considerando sua história pregressa e o sujeito como um todo. O olhar colocado sobre o fenômeno da pedofilia nesta pesquisa não será de um criminoso, e sim, de um sujeito que possui atração sexual por crianças. Consideramos de responsabilidade da área da psicologia o levantamento da temática em busca oferecer possibilidades de escuta para esses sujeitos, a fim de, propiciar reinserção social e segurança para a sociedade. Estas questões serão tratadas no decorrer do trabalho visando contribuir para o campo acadêmico potencializando o conhecimento acerca do que já existe de material e abrindo espaço para discussões e novas descobertas sobre o tema.

Para investigação começaremos a partir da contextualização histórica diante do fenômeno da pedofilia. Iniciando como surgiu a categorização da infância, as construções sociais a partir da classificação psiquiátrica da pedofilia e a criminalização do abuso sexual infantil e fantasias sexuais.

Infância: uma categoria social

A forma como lidávamos com as crianças e a noção de cuidados e proibicionismo foi se modificando durante a Idade Média. Na antiga Grécia era comum que adultos iniciarem sexualmente jovens meninos, era um ritual comum naquele contexto social e ideológico².

A infância surge como categoria social durante as mudanças ocorridas no período Idade Média. A noção de infância seguiu em conjunto com as transformações do Estado e da família. E foram nesses espaços que a criança foi reconhecida como sujeito inocente e de direitos, e que posteriormente, a partir dessas noções surgiu a necessidade de punir e excluir aquele que viola um corpo infantil. A partir de pinturas analisadas no início da Idade Média, é perceptível que não havia distinção nas vidas cotidianas de crianças e adultos, desde o trabalho, festas e passeios⁵.

Houve intervenções da igreja e do Estado em relação a questões de sexualidade entre crianças, jovens e adultos, influenciando diretamente nas práticas familiares da sociedade. Com a elaboração de leis baseadas na moralidade cristã, passou a ser ilegal atividades sexuais como o incesto e a relação adulto-criança. Entretanto, anteriormente esses atos eram comuns, pois não havia a noção de infância, os assuntos ou jogos sexuais faziam parte do cotidiano das crianças e não havia restrições enquanto a idade⁶.

Luiz XIII ainda não tem um ano: Ele dá gargalhadas quando sua ama lhe sacode o pênis com a ponta dos dedos. Durante seus três primeiros anos, ninguém desaprova ou vê algum mal em tocar por brincadeira em suas partes sexuais. Essas brincadeiras não eram restritas à criadagem ou a jovens desmiolados ou a mulheres de costumes levianos, como a amante do Rei. A Rainha, sua mãe, também gostava dessa brincadeira: “A Rainha, pondo a mão em seu pênis, disse: meu filho, peguei sua torneira”. O trecho seguinte é ainda mais extraordinário: “Ele e Madame (sua irmã) foram despidos e colocados na cama juntos com o Rei, onde se beijaram, gorjearam e deram muito prazer ao Rei.”^{5:126}

No século XIX, na Inglaterra e na França, jogos sexuais começaram a ser proibidos pela reforma cristã introduzindo novas regras sociais. E se inaugura no coletivo social a noção da inocência infantil⁵.

Assim surgiram duas formas de interpretação a partir da noção da infância. Uma, na burguesia que centraliza a criança no seio familiar com o dever de cuidar deste sujeito vulnerável para seu desenvolvimento harmonioso. A outra se refere a crianças de famílias pobres que são deixadas aos cuidados de instituições. Assim surgem duas formas de cuidados às crianças, uma na esfera pública e outra na privada⁶.

O Estado assume a proteção às crianças abandonadas com motivações para além da simples proteção. Como aponta Donzelot^{7:16}, “salvaguardar os bastardos, a fim de destiná-los a tarefas

nacionais, como a colonização, a milícia, a marinha, tarefas para as quais eles estariam perfeitamente adaptados, pelo fato de não possuírem vínculos de obrigações familiares”.

No início do século XX, no Brasil, surge a mesma preocupação:

Empenhados na tarefa social de regeneração física e moral das crianças desamparadas e alarmados com os elevados índices de mortalidade infantil registrados no país, os médicos sanitários discutem a situação da infância carente, refletem sobre as causas do fenômeno e, tendo em vista “os interesses do Estado”, tentam encontrar soluções para evitar o despovoamento da nação e para formar os futuros cidadãos.^{6:120}

Com isso, a noção de infância que possuímos hoje faz parte de uma construção social baseada em interesses do Estado com fundamentação nos princípios da Igreja Católica. Assim surgindo, novas modificações sociais, formulando novos hábitos, regras, proibições e institucionalizando modos de ser.

Construções sociais sobre a pedofilia à criminalização de fantasias sexuais

Foi com a “síndrome da criança espancada” que o médico pediatra-radiologista Henry Kempe e colaboradores, em 1962, nos EUA, trazem como ponto de partida a definição e legitimação dos maus-tratos às crianças como um problema médico e de comportamento desviante. Passou a ser mencionado como injúria mental ou física, maus tratos e abuso sexual infantil, não somente no âmbito familiar, mas em todas as esferas sociais presentes na vida da criança⁸.

Os conceitos de abuso infantil, abusador de criança e criança abusada, revistos e remoldados nos Estados Unidos, foram propagados em diversos países através de encontros e congressos internacionais, com o objetivo de multiplicar de centros de denúncia, produção de leis específicas e agências especializadas⁹.

A partir desses fatos, a pedofilia passa da classificação médica para um sujeito perigoso e monstruoso. A passagem da classificação psiquiatra ao temor por esse sujeito que viola um corpo infantil surge através de matérias jornalísticas que retratam casos de abuso sexual infantil, pornografia infantil e prostituição infanto-juvenil⁹.

Com as matérias jornalísticas existe um embaralhamento de termos em conceitos diante do fenômeno da pedofilia. Que surge na imprensa brasileira como um problema relacionado a incesto, estupro e pornografia infantil e as formas como são produzidas as matérias jornalísticas constroem no imaginário popular o estereótipo do sujeito pedófilo¹⁰.

Há um exercício de poder vinculado aos meios de comunicação que propagam e reproduzem estereótipos a partir de perspectivas dominantes. E a superação de preconceitos diante dos

estereótipos estabelecidos se compromete pelo fato de controle de informações serem dos grupos que produzem. É necessário avaliar a partir de quais perspectivas sociais são selecionadas as representações, principalmente, quando tratamos de indivíduos que estão posicionados à margem da sociedade¹¹.

A violência sexual infantil é entendida não como um fenômeno único, e a diversidade de atos e classificações que o constituem. E partir de matérias jornalistas levantamos os principais termos usados para retratar a problemática, sendo: abuso sexual infantil, exploração sexual e pedofilia¹².

O abuso sexual infantil é fundamentado sobre o não consentimento no ato, a criança não é vista como o sujeito para aquele que comete o ato de abuso. A exploração sexual é retratada a partir da mercantilização do corpo infantil e alienação do sujeito. O termo pedofilia, é utilizado para representar casos de atos sexuais envolvendo crianças, realizados por pessoas de status social elevado e, também sobre pornografia infantil na internet¹².

A criminalização da pornografia infantil na internet ocorreu no Brasil, em 2008 com o projeto do senador Magno Malta, qualificado como a “cruzada antipedofilia”. A CPI da Pedofilia alterou parte do Estatuto da Criança e do Adolescente que define crimes relacionados à pornografia infantil. As mudanças apresentadas foram: aumento de pena por delitos de produção de conteúdo pornográfico infantil, venda e divulgação de imagens pornográficas envolvendo crianças. A Lei 11.829 dispõe de criminalização de posse e armazenamento de material pornográfico infantil, pornografia infantil simulada sendo foto ou vídeo montagem e o aliciamento e assédio online de crianças¹³.

A CPI reconhece que existem dois modelos de compreensão para criminalização da pedofilia na internet, sendo não baseados na lógica de dano à vítima, mas no “perigo” econômico (“lei da oferta e da demanda”) e psicológico (“alimenta a tara”). O primeiro sugere que, se existir a demanda, vai existir a oferta e a oferta implica em “exploração sexual comercial infantil”. Ter a posse deste material implica na demanda do negócio, aumentando a produção deste tipo de conteúdo. A segunda sugere que o ato de “ver” ou “divulgar” é perigoso, pois “alimenta a tara do pedófilo”, intensificando a passagem da fantasia para o ato¹³⁻¹⁴.

Após as reflexões apresentadas pela CPI, é perceptível que a “pedofilia” é utilizada como termo “guarda-chuva” no Brasil, definindo a ampla gama de situações de abuso infantil e fantasias sexuais infantis. Categorias classificatórias são cruciais no processo de construção de problemas sociais, impõem modos de ser, fabricam sujeitos e fixam prazeres¹⁴.

A CPI acaba-se mostrando ser menos efetiva na garantia dos direitos e proteção a crianças, pois seu foco é criminalizar o autor do ato. E tem disseminado o horror e o perigo diante dos

estereótipos de “pedófilos monstruosos”, embaralhando a distinção entre fantasia e atos de abuso, fortalecendo especificamente a “monstruosidade moral” e criminalizando fantasias, marcando fronteiras sociais para a reflexão do tema¹⁴.

Perversão

Conforme apresentado, o sujeito pedófilo é estereotipado como o monstro contemporâneo e é posto à margem da sociedade. Para a psicanálise, a pedofilia é localizada dentro da estruturação clínica perversa. As estruturas clínicas nos orientam para compreender o contato que o sujeito tem com o mundo. Uma das definições de perversão de acordo com o Dicionário de Psicanálise é que existe perversão quando o orgasmo é alcançado com outros objetos sexuais, por outras zonas erógenas e/ou quando dependem de condições específicas que proporcionam prazer sexual¹⁵.

O uso da palavra perversão para designar uma estruturação clínica, denota um sentido pejorativo relacionado a depravação e desmoralização, embora a psicanálise não possua esse sentido moral e ético marcado pelo conceito de perversidade¹⁶.

Em Os três ensaios sobre sexualidade, Freud utiliza o termo “perverso-polimorfo” para falar sobre a sexualidade infantil, que possui características de ser perversa, exagerando, explorando e transgredindo em seus modos de satisfação e é poliforma, pois assume várias formas de obter satisfação. Sendo assim, a sexualidade humana é constituída de atos perversos, declinando dos processos de procriação para a busca de satisfação libidinal¹⁷.

Um dos momentos centrais para o estabelecimento da estruturação clínica do sujeito é na fase do Complexo de Édipo. No Édipo infantil, o pênis não é apenas um órgão genital. É o objeto amado, um símbolo de poder e força. Devido a esse significante, é vivido como frágil e exposto ao constante perigo, visto não apenas como um símbolo de poder, mas também vulnerável e fraco. Chamamos esse pênis de Falo. O Falo é o pênis fantasiado, idealizado, símbolo de onipotência e vulnerabilidade¹⁸.

O início desta fase é marcado pela crença de que todos são dotados de um Falo, ou seja, todos são tão fortes quanto eles. O Édipo é a tentativa infantil de realização de um desejo incestuoso, que é irrealizável e o gozo está no prazer desses dois corpos serem julgados como únicos¹⁸.

A criança sem atingir seus desejos incestuosos e sem obtenção do gozo, cria fantasias, que são cenas imaginárias que lhe dão prazer e angústia, mas satisfazem seus desejos. Embora todas essas fantasias de prazer façam a criança feliz, as mesmas desencadeiam uma

profunda angústia. Com isso, a criança se sente ameaçada por seus desejos e sua punição será a castração de seu pênis, o Falo, símbolo de seu prazer, potência e orgulho. Essa fantasia chama-se “angústia de castração”, o medo da ameaça de ser punido gera uma angústia, fantasiada e inconsciente. A angústia é tão forte que faz a criança esquivar-se de seus desejos para proteger seu pênis-Falo¹⁸.

Ao renunciar à mãe, dessexualiza globalmente os dois pais e recalca desejos, fantasias e a angústia. Aliviado, pode agora abrir-se a outros objetos desejáveis, mas dessa vez legítimos e adaptados às suas possibilidades reais. Somente assim, separada sexualmente dos pais, a criança pode doravante desejar outros parceiros escolhidos fora de sua família.^{18:37}

No Complexo de Édipo, o neurótico aceita a castração para proteger seu pênis-Falo. Já o perverso, diante da percepção de que sua onipotência corre risco, recusa a castração a nível inconsciente, sendo uma recusa da realidade e representação de onipotência se desloca para outro objeto, por exemplo, o fetiche¹⁹.

O fetiche significa, portanto, o triunfo sobre a ameaça da castração e permanece, na vida sexual do fetichista, cumprindo papel de protetor contra ela. Torna-se condição imprescindível ao gozo e recebe a carga de valorização antes orientada ao genital. Daí o alto grau de idealização de que ele é o objeto.^{19:45}

O modo de funcionamento do perverso com o laço social acontece através da divisão do ego, funcionando de duas formas sem que uma não anule a outra. Uma parte se ajusta à realidade, a internalização das leis sociais e outra se ajusta aos seus desejos. Os perversos colocam em prática tudo que o neurótico não tem coragem de fazer. O fetiche será algo que está no lugar do vazio, ou seja, do pênis faltante, assim revelando a existência do mecanismo de defesa do deslocamento através de um objeto que tampona esta falta¹⁹.

A pedofilia encontra-se na estrutura perversa, pois são sujeitos adaptados ao laço social, mas que possuem um fetiche transgressor às regras sociais. Além de serem impossibilitados em sua escolha, os pedófilos dificilmente abandonam sua modalidade sexual, tornando-se escravos do seu desejo. O abandono do desejo, significa “perder o único sistema de sobrevivência sexual de que dispõem, seria o equivalente à castração”²⁰.

Feita essa síntese sobre a estruturação clínica perversa, o que será proposto através da análise da obra *Lolita*, uma investigação sobre a questão traumática presente do discurso do personagem Humbert, que se considera um pedófilo e seus sofrimentos ocultos.

Humbert, o pedófilo

A obra “*Lolita*”, escrita por Vladimir Nabokov em 1953 e publicada em 1955, conta a história do personagem Humbert, um homem de meia idade que se considera ter orientação sexual

pedofílica. Apesar da obra ser intitulada de “Lolita”, não podemos tratá-la como personagem principal, a história é sobre o desejo de Humbert por meninas ninfetas, que ao encontrar Lolita, uma menina de doze anos, sua paixão e interesse pela garota despertam sua sexualidade⁴.

A história inicia com Humbert em julgamento por cometer o crime de abuso sexual infantil e recluso na prisão escreveu um livro contando sobre sua vida e seu envolvimento com Lolita. O personagem inicia se questionando se houve uma precursora que desencadeou seu desejo por meninas menores de idade e reflete que após perder seu primeiro amor na adolescência, cristalizou-se seu desejo pedofílico.

Com 13 anos viajou para a Itália com o seu pai e um casal de amigos que tinha uma filha chamada Annabel. Uma menina linda, da mesma idade que Humbert. Apaixonaram-se de uma forma louca e agonizante. Em uma tarde fugiram do restaurante onde a família almoçava e foram até uma praia, em um trecho deserto que formava uma espécie de gruta e tiveram uma sessão de carícias. Humbert estava prestes a se relacionar sexualmente com sua amada, quando foram interrompidos por um homem que gritou palavras obscenas. Quatro meses depois, ele descobriu que Annabel faleceu. A partir desse acontecimento, o seu desejo por meninas púberes foi cristalizado.

Humbert intitula as meninas que despertam sua atenção de “ninfetas”, sendo meninas na idade entre nove e catorze anos que são capazes de “enfeitiçar” um homem muito mais velho que elas, revelando sua natureza diabólica da qual nem a própria ninfeta possui conhecimento. Não há critério quanto à beleza ou vulgaridade, o que distingue as ninfetas das demais meninas é a graça, o charme e o ar insidioso.

Em sua narrativa, se queixa dizendo que sempre viveu uma vida de duplicidade, tentou viver uma vida normal se relacionando com mulheres de sua idade, mas seu verdadeiro desejo era por meninas púberes. Sentia-se covarde por não ousar abordar meninas devido às leis que impedem o relacionamento entre homens adultos e meninas mais jovens. Seu corpo sabia o que desejava, mas sua mente rechaçava esses desejos. Com o passar dos anos, convenceu-se que não havia nada de errado com um homem mais velho desejar uma menina mais nova, algo que ele observou seguindo exemplos na própria história da humanidade.

Para satisfazer seus desejos frequentava parques e locais onde conseguia observar crianças brincando, mas não havia nenhum tipo de relação com elas. Houve um momento em que estava procurando um local para morar e soube de uma casa onde uma viúva, chamada sra. Haze, estava alugando um quarto. No dia em que conheceu o imóvel, avistou na piazza, uma menina seminua ajoelhada sobre uma esteira, era Lolita, a filha de 12 anos de idade da sra. Haze, da qual Humbert dizia ser a reencarnação de Annabel.

Durante sua estadia, passava a observar a rotina de Lolita, fantasiava cenas sexuais com ela, semelhantes ao que pensava em viver com Annabel. E com o tempo começou a planejar como poderia se aproximar da garota.

Ao chegar o período de férias escolares, Lolita foi para um acampamento escolar. E sua mãe se declarou para Humbert, através de uma carta. E para se aproximar de Lolita, Humbert correspondeu, dizendo que seu sentimento era recíproco. Assim, Humbert assumiu o papel de pai da menina.

Humbert mantinha um diário onde escrevia sobre seus desejos por Lolita, certo dia, a sra. Haze descobriu esses registros e descompensada com o que havia lido, saiu de casa, sofreu um acidente de carro e morreu. Eis o triunfo de Humbert! Não existiam mais impedimentos para possuir a menina.

Ao assumir o papel de pai de Lolita, buscou a menina no acampamento e viajou durante um ano com ela, se hospedando em hotéis baratos. Na primeira noite no hotel, tentou dopar a menina para ter relações sexuais, porém, não obteve sucesso e mesmo assim teve relações sexuais com ela.

Segundo ele, a menina não se importava com atos com sexuais e se queixava do seu comportamento mimado. No entanto, Humbert tinha medo que em algum momento ela denunciasse a relação entre eles. Para evitar o seu temor, ameaçava repetidamente Lolita dizendo que ele seria preso e ela iria para uma instituição rígida para órfãos, dormiria em um quarto com várias crianças delinquentes, não teria liberdade e ainda seria vista como uma criança problemática.

Durante sua relação com Lolita, Humbert lidava com ela da mesma forma que fazia no período em que esteve com Annabel. Tentou reviver a cena da praia com Lolita, mas não conseguiu devido ao tempo ruim. Além de, sempre fazer comparações entre as duas meninas.

Como temia que Lolita fugisse, controlava cada passo da garota. Certo momento, decidiram ficar em uma pequena cidade para que Lolita voltasse a estudar. Na escola, começou a frequentar o clube de teatro e estavam ensaiando uma peça, onde o próprio autor assistiria um ensaio dos alunos. Humbert não aprovava que Lolita participasse de grupo de teatro e tivesse encontros com colegas da escola, após as aulas.

Foi convocado pela diretora do colégio inicialmente sobre o desempenho escolar da menina, que havia caído e expondo a importância da menina ter outras vivências, como ter mais contato com crianças de sua idade. No mesmo dia, Humbert brigou com Lolita e a agrediu fisicamente, questionando se ela havia contado para alguém sobre a relação entre eles, ela negou.

No dia seguinte, Lolita pediu carinhosamente para sair da cidade e do colégio. Gostaria de viajar novamente, mas essa retomada de viagens seria de acordo com a rota que havia traçado. Durante as viagens, Humbert percebeu que estavam sendo perseguidos por um carro vermelho durante todo o percurso, mas Lolita afirmava que Humbert estava ficando louco.

Em certo momento, Lolita fingiu adoecer e foi para um hospital, conseguiu fugir com o homem do carro vermelho, que, posteriormente, Humbert descobriu que era o escritor da peça de teatro que propôs para a menina fugir para tornar-se uma atriz em seus filmes e peças.

Após perder Lolita, Humbert refletiu que, somente ele que a namorava. Lembrou-se de tê-la visto através do espelho do banheiro com uma expressão perplexa. Para Humbert, ela estava no limite da injustiça e frustração. Descreveu que viviam em um mundo pecaminoso e ficava constrangido quando tentava conversar sobre qualquer assunto com naturalidade, como uma ideia abstrata, um livro, um quadro. Ela tratava de se recolher quando isso acontecia, enquanto ele soltava comentários a fim de manter uma relação saudável.

Humbert teve muita dificuldade de lidar com a perda de sua amada, como também de se separar dos pertences e com o tempo doou para um orfanato. Entristecido e descompensado, pensou que como já havia violado as leis humanas, decidiu transgredir as regras de trânsito. Pegou o carro e cruzou para o lado esquerdo da estrada, gostou da emoção dos carros desviando desesperadamente e dos gritos de pavor das pessoas que viam essa cena. Até o momento que percebeu que estava sendo seguido pela polícia, saiu da estrada, subiu na encosta relvada e se entregou para a polícia.

Questões traumáticas e sofrimentos ocultos no perverso

A obra *Lolita* nos coloca no papel de escuta de um sujeito pedófilo, assim como, nos proporciona reflexões sobre a dinâmica psíquica desse sujeito, permitindo a interpretação. A partir de autores que seguem a orientação psicanalítica freudiana e lacaniana sobre perversão. Por meio da narrativa do personagem Humbert, analisaremos o que há de perverso em sua fala, evidenciando questões traumáticas e sofrimentos ocultos.

No texto “O Fetichismo”, Freud propõe que o fetiche recusa e afirma a castração, devido à divisão do ego no perverso²⁰. O fetichismo envolve mais do que a negação da ausência do pênis, envolve a negação da cena primitiva. Sendo assim, a criação do fetiche está ligada à recusa dos poderes do pênis do pai²¹.

A partir da clivagem do ego, o funcionamento mental do perverso apresenta algumas ilusões criadas pelo próprio sujeito, baseadas na recusa. No momento edípico, o ego não se liga ao

investimento do pênis paterno, e sim, a um modelo pré-genital. O menino acredita que, por mais que seu pênis seja ainda pequeno, é superior ao do pai 19. Vimos que Humbert acredita ter um poder de distinguir meninas normais e meninas ninfetas, sem que a própria garota se reconheça de tal forma.

Confrontado com a fotografia de um grupo de escolares ou escoteiras e solicitado a apontar a mais bonita entre elas, um homem normal não escolherá necessariamente a ninfeta. É necessário ser um artista ou um louco, um indivíduo infinitamente melancólico, com uma bolha de veneno queimando-lhe as entranhas e uma chama super voluptuosa ardendo eternamente em sua flexível espinha (ah, quantas vezes a gente se encolhe de medo, esconde!), a fim de discernir de imediato, com base em sinais inefáveis – a curva ligeiramente felina de uma maçã do rosto, uma perna graciosa coberta de fina penugem, e outros indícios que o desespero, a vergonha e lágrimas de ternura me impedem de enumerar - , o pequeno e fatal demônio em meio às crianças normais. Elas não a reconhecem como tal, e a própria ninfeta não tem consciência de seu fantástico poder.^{4:19}

Chasseguet-Simerguel ao investigar o conflito edípico no perverso, retoma as ideias de Freud sobre a negação da castração, ou seja, a recusa da diferença sexual. A autora vai além, e afirma que a recusa da diferença sexual assume caráter na vida psíquica do perverso 21. Resultando na negação de papéis e posições, Humbert queixa-se sobre a mudança social dos papéis do mundo infantil e adulto, que em sua psiquê diferença entre os mundos se desfaz. Como em sua psiquê não faz sentido essa diferença, o perverso é afrontado pela sensação de ser anormal, exatamente como Humbert descreve em momentos de maior angústia e reflexão, em que deixa seu discurso triunfante.

Senhoras e senhores membros do júri, quase todos os pervertidos sexuais que anseiam por uma latejante relação com algum menininha (sem dúvida pontuada de ternos gemidos, mas não necessariamente ao coito) são seres inofensivos, inadequados, passivos e tímidos, que apenas pedem à comunidade que lhes permita entregar-se a seu comportamento supostamente aberrante mas praticamente inócuo, que lhes deixe executar seus pequenos, úmidos e sombrios atos privados de desvio sexual sem que a polícia e a sociedade os persigam. Não somos tarados! Não cometemos estupros, como fazem muitos bravos guerreiros! Somos seres infelizes, meigos, de olhar canino, suficientemente bem integrados para saber controlar nossos impulsos na presença de adultos, mas prontos a trocar anos de vida pela oportunidade de acariciar uma ninfeta. 4:89-90

A clivagem do ego é vivida como um mecanismo de defesa para esse sujeito, inicialmente a negação torna-se eficiente, mas pode começar a falhar e o sofrimento psíquico vem à tona em forma de angústia e ameaça de desmoroamento identificatório. O conduzindo para um estado de vazio psíquico e a falta de relacionamentos saudáveis traz sofrimento, solidão e infelicidade 19. Humbert, durante o período em que conviveu com Lolita, negou a realidade e a subjetividade de Lolita e não vivendo um relacionamento saudável, que ao perdê-la houve espaço para o sofrimento psíquico e desmoroamento ilusório.

E então compreendi, enquanto meus joelhos de autômato subiam e baixavam, que eu desconhecia por completo o que se passava na mente de

minha menina e que muito possivelmente, por trás daqueles atrozes lugares-comuns típicos da juventude, havia dentro dela um jardim e um crepúsculo, o portão de um palácio – regiões nebulosas e adoráveis cujo acesso me era lucida e terminantemente vedado, com meus andrajos poluídos e minhas miseráveis convulsões; frequentemente percebia que, vivendo como vivíamos, ela e eu, num mundo totalmente pecaminoso (...).

A montagem perversa possui a característica de ser conduzida pela hostilidade. A hostilidade promove o sentimento de superioridade sobre o outro, na prática sexual sádica, isto é evidente. Na relação masoquista, a hostilidade como função triunfante não é facilmente identificável. Porém, quando o perverso assume o papel masoquista, a cena é forjada e de certa forma o perverso permanece no controle²². Como Humbert, ao permitir que Lolita traçasse o novo destino da viagem, é submisso ao desejo da menina, mas permanece controlando cada passo dela.

Os lugares identificatórios são flexíveis e intercambiáveis, permitindo que se goze o gozo atribuído em fantasia ao outro.^{22:85}

A hostilidade produz a excitação sexual e, para aumentá-la, o perverso busca montar cenas de caráter arriscado. As cenas possuem característica de desumanização do objeto sexual¹⁹. Humbert em suas reflexões relata que não via Lolita como um ser desejante e pela falta deste reconhecimento, viviam em um mundo pecaminoso, pois não existia o olhar sobre o ser da menina.

(...) Agora, contorcendo-me de dor e deblaterando contra minha própria memória, reconheço que naquela ocasião, como em outras semelhantes, eu sistematicamente cuidava de ignorar os sentimentos de Lolita, apenas para aliviar minha vil consciência.^{4:290}

A presença de situações traumáticas no passado do perverso, o motiva a reproduzir a mesma cena. Revivendo esse trauma em forma de prazer, com o desfecho oposto à cena real, agora de modo favorável à vítima. Ou seja, o sujeito passivo torna-se ativo e a vingança é realizada sobre um objeto que representa a criança vitimizada e o perverso terá o orgasmo e o triunfo¹⁹.

A montagem da cena perversa contribui para o prazer, além de possuir características que assumem o papel de correção do passado. Tais como: o perigo do trauma repetir é eliminado, o risco é incluído como excitação pela tensão, o resultado da cena é garantido e, por fim, quando a cena se liga a excitação sexual e ao orgasmo, instala-se um círculo vicioso da repetição¹⁹.

O ponto do ápice do prazer está no momento em que é tentado reviver a cena central do trauma. Isso não significa que realizada a cena, o trauma está removido, e sim o oposto, reforça o círculo vicioso da repetição¹⁹.

Pois saiba, camarada, que de fato procurei uma praia, embora também deva confessar que, ao alcançarmos a miragem das ondas cinzentas, minha companheira de viagem já me proporcionara tantas delícias que a busca daquele Reino à Beira-Mar, daquela Riviera Sublimada ou seja lá o que você queira chamá-la, longe de representar um impulso do subconsciente, havia se transformado na persecução racional de um prazer meramente teórico. Os anjos sabiam disso, e tomaram as providências cabíveis. Nossa visita a uma

enseada plausível na costa atlântica foi completamente arruinada pelo mau tempo.^{4:169}

A repetição pela busca do objeto sexual expõe a impossibilidade do sujeito de elaborar seus traumas¹⁹. É possível identificar que após Humbert perder Annabel, adquiriu uma fixação por meninas semelhante a garota e não houve elaboração dessa perda.

A presença do risco na cena perversa é interpretada como um aumento da excitação sexual e garante sua gratificação, inerente à vingança traumática. Entretanto, o risco é mensurado, o perverso sempre está de alguma forma sob o controle¹⁹. Humbert assume o risco de manter relações sexuais com Lolita e controla a menina ameaçando-a emocionalmente para que ela não denuncie a relação entre eles.

Em palavras mais simples, se formos apanhados, minha bonequinha, você vai ser analisada e internada, c'est tout. Você vai morar, minha Lolita vai morar (vem cá, minha flor morena) com outras trinta e nove infelizes num dormitório imundo (não, deixa eu fazer, por favor) sob supervisão de umas matronas horríveis. É essa a situação, é essa a escolha que você tem. Não acha que, dadas as circunstâncias, a Dolores Haze faria melhor se ficasse com seu paizinho?^{4:153}

O apego à forma de obtenção de prazer é consequente ao gozo do perverso. No entanto, a restrição ao objeto e a compulsão evidenciam que o apego excessivo tem a função de protetor contra as angústias psicóticas e manutenção da identidade subjetiva¹⁹.

Lolita, luz de minha vida, labareda em minha carne. Minha alma, minha lama.^{4:11}

Essa marca textual expõe o quanto Lolita foi significativa para a vida de Humbert, bem como, o sofrimento relacionado à rigidez perversa o torna escravo do seu desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da obra *Lolita*, de Vladimir Nabokov, foi possível investigar através da montagem perversa, os traumas e sofrimentos ocultos nesse sujeito. Durante a narrativa do personagem Humbert fica evidente que a perda do seu primeiro amor o impulsionou para buscar reviver o passado com outras meninas. A forma como esse sujeito interpreta a perda cristalizou seu desejo pedofílico, com isso, a não elaboração traumática foi o ponto inicial para sua estruturação clínica perversa.

A busca por se relacionar com meninas semelhantes a Annabel e reviver a cena primordial é vista como uma tentativa de correção do trauma, porém, só reforça a repetição causando sofrimento. É importante ressaltar que nem todo pedófilo viveu cenas traumáticas em sua infância, mas uma vez vivida é importante a elaboração por outros meios que não a repetição.

O perverso possui o recurso da clivagem egóica para manutenção do seu ser, mas em algum momento o perverso esbarrará na angústia, dando luz ao sofrimento que tanto oculta de si e revelando que vive em função do seu desejo, gerando empobrecimento psíquico.

A forma como é visto o fenômeno da pedofilia socialmente afasta esse sujeito da clínica, é possível identificar que o analista ao receber um sujeito que possui fantasias sexuais por crianças não deve utilizar da definição patológica para esses sujeitos, pois o já estereotipa e cria-se uma fronteira para a escuta da singularidade do sujeito.

É fundamental a consideração da história pregressa, não como uma justificativa, e sim, para compreensão de como foi entendido esse passado. O trauma quando não elaborado pode se transformar em uma compulsão a repetição, a fim de sua elaboração.

Portanto, é importante que tenhamos possibilidades de atendimento psicológico em casos de pedofilia para redução de casos de crimes. E vale ressaltar que, não estaremos lidando com pessoas que sofrem transtornos sexuais, e sim, pessoas que sofrem. Escolher trabalhar com esse público nos encarrega de grandes desafios, como a disposição ética da escuta e identificar dores e sofrimentos ocultos, que a priori se apresentaram em falas espantosas.

REFERÊNCIAS

- 1 American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. Ed. - Dados Eletrônicos. - Porto Alegre: Artmed, 2014.
- 2 Hisgail, F. Pedofilia: um estudo psicanalítico. Editora Iluminuras, Ed. 1, 2007.
- 3 Santos MD, Scapin AL. Associação entre perversão e pedofilia segundo a psicanálise Freud – Lacaniana. Revista UNINGÁ [Internet]. 2015 setembro [cited 2019 Aug 20];23(3):70-74. Available from: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20150902_110115.pdf
- 4 Nabokov V. Lolita. São Paulo, Biblioteca Folha, 1955.
- 5 Ariès P. A história social da criança e da família. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- 6 Mélló RP. A Construção da Noção de Abuso Sexual Infantil. Belém: EDUFPA, 2006.
- 7 Donzelot J. A polícia das famílias. 2 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- 8 Oliveira DC, Russo JA. Abuso sexual infantil em laudos psicológicos: as “duas psicologias”. Physis: Revista de Saúde Coletiva [Internet]. 2017 [cited 2019 Jun 28];27(3):579-604. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v27n3/1809-4481-physis-27-03-00579.pdf>
- 9 Lowenkron L. O monstro contemporâneo: A construção social da pedofilia em múltiplos planos [Tese de doutorado on the Internet]. [place unknown]: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012 [cited 2019 Jul 3]. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v21n2/0104-9313-mana-21-02-00462.pdf>

10 Landini TS. Violência Sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. Cadernos Pagu [Internet]. 2006 [cited 2019 May 10];(26):225-252. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30392.pdf>

11 Biroli F. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. Revista Brasileira de Ciência Política [Internet]. 2011 dezembro [cited 2019 Mar 26];(6) Available from: <https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a04>

12 Lowenkron L. Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas?. Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana [Internet]. 2010 [cited 2019 Jul 3];(5):9-29. Available from: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludSociedad/article/view/394/804>

13 Brasil. Código Penal. Decreto n.2.848, 2009. Título VI Dos crimes contra a dignidade sexual. Capítulo I Dos crimes contra a liberdade sexual.

14 Lowenkron L. A Cruzada antipedofilia e a criminalização das fantasias sexuais. Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana [Internet]. 2013 dezembro [cited 2019 Jul 3];(15):37-61. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/sex/n15/a03n15.pdf>

15 Laplanche, J.; Pontalis, J. B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

16 Coutinho AH, Salles AC, Silva BR, Delfino EM, EM Silva, G Morais, et. al. Perversão: uma clínica possível. Reverso [Internet]. 2014 agosto [cited 2019 Mar 5];(51):19-28. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v26n51/v26n51a03.pdf>

17 Freud, S. Um caso de histeria, Três Ensaio sobre a sexualidade e outros trabalhos. Vol.VII. Rio de Janeiro, Imago, 1905.

18 Nasio J. Édipo, o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

19 Ferraz FC. Perversão. 5ª ed. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.

20 Freud, S. Fetichismo. In: O futuro de uma ilusão. Vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1927.

21 Chasseguet S. Ética e estética das perversões. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

22 Stoller R. Perversão: a forma erótica do ódio. Hedra, 2015.

CONTATO

Jéssica Leite Barbosa: jessicamsnp@gmail.com